

ANOTAÇÕES SOBRE UM TEMA SEMRE ATUAL: AS RELAÇÕES ENTRE O PARTIDO E O SINDICATO

Introdução

A análise da conjuntura geral advinda da redemocratização do início dos anos 80 nos fez ver que tal processo integrava um quadro internacional em que a derrota do socialismo real dava base às ações efetivadas pela burguesia de desmoralização do próprio comunismo marxista. Na realidade, a retomada das lutas abertas de classe no final dos anos 70 ocorre já neste quadro.

No Brasil, compactuando com o anticomunismo e o anti-marxismo dominantes, as correntes hegemônicas do trotsquismo, do reformismo e da socialdemocracia, cada uma a seu modo – com a socialdemocracia desaguando em um partido burguês, o PT – se abstiveram de qualquer compromisso conseqüente, na teoria e na prática, com o marxismo.

Vejamos a equação: sem a teoria revolucionária do marxismo materializadas em um partido revolucionário, e as conseqüentes propostas concretas que tal teoria propicia, a revolução do proletariado jamais se concretiza. Portanto, somos os marxistas a corrente prático-teórica em torno de cujas posições poderá se construir um partido revolucionário no país.

As relações entre o partido e o sindicato

1. As relações entre o partido e o sindicato constituem tema permanente da prática revolucionária. O fato deste tema sair da agenda da esquerda de tempos em tempos revela apenas que a esquerda, hegemônica em determinada formação social ou conjuntura, sonega, intencionalmente ou não, tal questão. No interior do conceito das *relações* partido e sindicato encontra-se, antes de mais nada, a necessidade de se conceituar no campo da teoria revolucionária o que é e para que serve o partido, e o que é e para que serve o sindicato, identificando-se o lugar de cada uma destas organizações do proletariado na luta revolucionária geral; salta-se, então, imediatamente para o campo da formulação política, referente ao concreto cotidiano, e se pergunta: o que é este movimento, organização ou partido do qual sou militante (ou estou construindo) e o que é este sindicato em que estou atuando.

2. Recomenda a teoria revolucionária do marxismo que o conhecimento de qualquer realidade é fruto da "análise concreta da situação concreta", descartados, portanto, preconceitos, dogmas, fórmulas vazias etc. No caso da história das lutas de classes no Brasil recente é decisivo considerar que, no campo da esquerda, a hegemonia no processo de redemocratização iniciado no final dos anos 70 ficou dividido entre a social-democracia, o reformismo e o trotskismo, com o marxismo se fazendo presente apenas de forma episódica, localizada e diminuta – quando muito, o que nos autoriza dizer que a recolocação do marxismo nas lutas de classe é tarefa inadiável dos marxistas, sob pena de jamais ser concretizada uma revolução neste país. O que pode se

estender para o restante do mundo.

3. E foi em decorrência de tal tríplice hegemonia que o tema partido/sindicato não foi pautado, nem na teoria, nem na prática. O que foi e é o PT senão uma mistura necessariamente espúria entre partido e sindicato, filha da escamoteação da proposição política e da discussão teórica do tema? E no que deu o PT? E por quê os sindicatos brasileiros se transformaram em desertos em sua maioria? Não somente deserto de pessoas, mas também desertos de idéias, de lutas e de combate político. Evidentemente, não se pode jogar toda nem a principal responsabilidade nos fatores de ordem subjetiva (atuação da esquerda, no caso); temos que considerar antes de tudo os fatores de ordem objetiva, entre os quais o desemprego causado pela intensificação da exploração da automação do processo produtivo operada pelo neoliberalismo e a defensiva geral em que historicamente foi colocado o movimento do proletariado na esteira da derrubada do socialismo real pelo imperialismo. Foram estes os panos-de-fundo materiais em que ocorreu a rendição do reformismo e da social-democracia. Mas é preciso dizer com todas as letras que o movimento sindical estaria hoje certamente em condições muito superiores se a hegemonia da esquerda em seu interior estivesse com os marxistas, não configurada a tríplice hegemonia acima referida.

4. Vejamos mais de perto a natureza daquela hegemonia. Em primeiro lugar, analisemos a linha trotsquista – por situar-se no campo da esquerda revolucionária, próxima de nós portanto. O princípio metodológico que estrutura e dá unidade e lógica ao seu "Programa de Transição" – o "decreto" de que o capitalismo teria entrado em **decadência final e irreversível** desde a conjuntura que precedeu a 2ª Guerra Mundial e de que o mundo teria passado desde então a viver uma permanente conjuntura revolucionária – joga no fogo da revolução, e de maneira imediata, quaisquer formas de luta, bandeiras e de organização em que o proletariado estiver envolvido ou vier a se envolver. Mas é também por isso que levam, descontadas as diferenças menores entre suas diversas correntes, frequentemente palavras-de-ordem estranhas a um programa marxista, como soberania nacional, "constituente", "cidadania", antiimperialismo, etc, sem a indispensável explicitação anticapitalista; afinal de contas, na lógica trotsquista, estas bandeiras apenas serviriam para colocar o carro da revolução em movimento, quando, então, logo ali adiante, os verdadeiros trotsquistas tomarão a "direção" e levarão o proletariado à revolução. A formação da consciência do proletariado e sua transformação em fator revolucionário, pressuposto que tanto preocupou Marx, não figura no rol das preocupações do trotskismo; afinal de contas, pensam, são eles, os trotsquistas, que farão a revolução, e não o proletariado. O proletariado será apenas dirigido por eles.

5. Sindicato e partido? Não, isto não tem sentido para o trotskismo. Para o trotskismo, o que tem sentido é apenas a direção. No borbulhante e incandescente caldeirão revolucionário em que o mundo vive na cabeça do trotskismo, já não há lugar para se diferenciar partido e sindicato! E atenção: isso é dito pelo próprio Trotsky em seu texto "Os sindicatos na era da decadência do imperialismo", já que, segundo afirma: "Neste sentido, o programa de transição adotado no último congresso da IV Internacional não é apenas um programa para a atividade do partido, mas, em traços gerais, é o programa para a atividade dos sindicatos".

O que são, de fato, sindicato e partido? Em Marx: **sindicato** é uma organização de trabalhadores coesionados pela consciência de que devem se unir para defender seus interesses concretos e imediatos, fundamentalmente econômicos, trabalhadores unidos

por possuírem a mesma consciência, a consciência em si – ou seja, a consciência de que constituem uma classe de pessoas diferente da classe dos patrões, com interesses igualmente diferentes e opostos aos interesses dos patrões. Ainda em Marx: **partido** é uma organização de trabalhadores já revolucionários, unidos pela consciência para si – ou seja, a consciência de que devem tomar o poder político para si.

Misturar estas duas instâncias, estes dois conceitos é absolutamente fatal para o proletariado e para a vanguarda revolucionária, esteja ela em que estágio estiver. APENAS UMA CONJUNTURA REVOLUCIONÁRIA PODE TORNAR REVOLUCIONÁRIA – A PARTIR DA ATUAÇÃO DA VANGUARDA COMUNISTA – TODA A CLASSE PROLETÁRIA, FAZENDO ASSIM DESAPARECER OBJETIVAMENTE, ENQUANTO AÇÃO CONCRETA, A DIFERENÇA ENTRE OS NÍVEIS DE CONSCIÊNCIA EM SI E PARA SI. Mas os trotsquistas não vêem isso, entre as muitas coisas que não vêem. Ao tentarem enfiar goela abaixo do proletariado, através dos sindicatos, palavras-de-ordem e bandeiras fora do nível de motivação concreta do proletariado naquele momento, bandeiras estranhas ao dia-a-dia do proletariado, os trotsquistas, para muito além do papel ridículo que fazem acabar afastando os trabalhadores do sindicato.

Ora, a consciência, qualquer que seja ela, emerge da luta e SÓ da luta. É sobre uma luta do proletariado – por um bebedouro, por um aumento de 100% ou pela derrubada de um presidente da república – que a vanguarda pode trabalhar, na agitação e na propaganda, para o desenvolvimento da consciência, ou sindical ou revolucionária, conforme a CONJUNTURA. Hoje, assim como desde a chamada redemocratização, não vivemos uma conjuntura revolucionária. Não podemos tentar levar lutas (que julgamos) revolucionárias como plataformas de lutas, palavras-de-ordem de ação, portanto, para o proletariado. Temos que apresentar plataformas sindicais fundadas nas aspirações CONCRETAS da categoria hoje, como salário e melhores condições de trabalho. Este é o eixo.

6. Quanto aos **reformistas** e **social-democratas**, as coisas se colocam de maneira mais simples, pelo menos quanto à sua percepção. Ao contrário dos trotsquistas e dos marxistas, os reformistas e social-democratas não consideram burguesia e proletariado classes antagônicas, desconsiderando portanto a necessidade de se destruir politicamente a burguesia através de uma revolução para que se instale um poder proletário. Descartado o antagonismo histórico, perde razão de ser o antagonismo político, o que faz perder igualmente razão de ser a exigência da independência política e organizatória do proletariado frente à burguesia. No interior da estratégia reformista-socialdemocrata o avanço do proletariado é gradual, não devendo ocorrer mudança histórica, qualitativa portanto, naquilo que consideram a trajetória linear, sem ruptura, do proletariado em direção ao poder. De acordo com tal lógica, que não coloca a tomada revolucionária do poder como referência estratégica delineadora da ação cotidiana da vanguarda do proletariado, sindicato e partido acabam, como recomendou o papa da social-democracia, Bernstein, se fundindo e se complementando reciprocamente em um "sindicatão" voltado apenas para os ganhos imediatos, desconhecidas as diferenças tão destacadas por Marx e por Lênin entre lutas parciais e lutas finais e as conseqüentemente diferentes formas de organização que exigem.

Aqui cabe ressaltar que dois dos partidos que hoje constituem algo como um núcleo duro do governo burguês no país – PT e PCdoB – abandonaram sua configuração socialdemocrata e reformista anterior exatamente como exigência inarredável para o exercício do programa abertamente neoliberal que estão implementando. Ou seja: tais partidos passaram materialmente para o campo da

burguesia, do inimigo, e como tal devem ser combatidos por nós, os marxistas.

O que não acontece com o trotskismo. Este permanece no campo da revolução, do antagonismo tático e estratégico com a burguesia, mesmo que saibamos, como sabemos, que as imensas falhas metodológicas em seus princípios e programas os incapacitem, enquanto trotsquistas e não enquanto militantes, ao exercício do papel de vanguarda no processo de construção do partido revolucionário do proletariado. Tal papel cabe a nós, os marxistas – e dele não devemos nem podemos abdicar; e neste papel temos que buscar, sempre sem abrir mão de nossos princípios, fazer alianças com os trotsquistas onde for possível e necessário ao avanço político e organizatório do proletariado na luta contra a burguesia e seus aliados e representantes, o que não exclui a necessidade de nos colocarmos em oposição aos mesmos quando nossa linha política assim o exigir. Não nos cabe, entretanto, a prévia determinação de *combate* sistemático ao trotskismo, não nos cabe *lutar* contra o trotskismo – a não ser que assumíssemos a postura infantil tão familiar, aliás, ao salvacionismo e ao messianismo presentes na prática trotsquista. Cabe-nos, isto sim, desenvolver desde já e sempre uma luta ideológica contra o trotskismo nos níveis da nossa propaganda e da ampliação da militância marxista, o que significa criticar severamente suas concepções metodológicas, históricas, programáticas e estratégicas – todas marcadas pelo subjetivismo e pelo voluntarismo idealistas pequeno-burgueses, abertamente hostis ao marxismo.

7. Do que até agora foi discutido neste texto é possível deduzir, pois, ser absolutamente improcedente uma hipotética incompatibilidade entre partido e sindicato. Na verdade, o que é possível é falar-se em complementaridade, como já proposto. Cabe ainda, no entanto, abordar a questão do aparelhamento, que tem assumido uma conotação alheia ao que autoriza a análise marxista do tema. A partir do marxismo, pois, a participação dos comunistas nos sindicatos e nas direções sindicais – inclusive enquanto maioria – é tão legítima quanto necessária, o que pode ser aplicado em nível de generalidade às entidades do movimento estudantil. Isto porque não está fundamentalmente no conteúdo de determinada luta sindical – por um restaurante ou pela quebra do arrocho salarial – o seu caráter de classe, mas, sim, na forma e no método em que é conduzida esta luta e, além disso, nos saldos políticos, ideológicos e organizatórios que são buscados nesta luta e que se podem esperar da mesma. Como lembrou Lênin, todas as lutas sindicais têm um conteúdo geral burguês, cabendo aos comunistas liderá-las e conduzi-las de maneira a que assumam as formas próprias de luta do proletariado (tendo a greve como parâmetro) e que resultem em saldos que acumulem forças em direção à revolução.

Está lá no "Manifesto" que os comunistas não constituem uma categoria à parte do proletariado. Se nós, os comunistas, não buscarmos no proletariado e em suas organizações a base necessária à nossa prática revolucionária, proletária, se não fizermos isso, aonde então vamos praticar a militância revolucionária? Na institucionalidade burguesa? No parlamento burguês? Não; isso, deixamos para os partidos burgueses, socialdemocratas e trotsquistas. No fundo, pretender vedar aos comunistas a utilização a parti sindicatos e entidades estudantis, de forma aberta, transparente e legitimada pela base, não passa de um sentimento burguês de propriedade privada, ou, politicamente, de um independentismo anticomunista fundado, talvez, na suposição de que nós, os comunistas, sejamos imerecedores da confiança do proletariado. Não se pode negar que a burguesia tem obtido significativo sucesso nesta propaganda que há 150 anos vem desenvolvendo contra nós.

O problema do **aparelhamento** é outro. O **aparelhamento** ocorre quando determinado partido utiliza o sindicato ou entidade estudantil para levar, divulgar e

propagandear campanhas, plataformas e palavras-de-ordem inassimiláveis naquela conjuntura pelo nível de consciência sindical do proletariado ou – **de outro lado** – usar o sindicato para desenvolver campanhas, mais freqüentemente eleitorais, que reforcem a consciência política burguesa deste proletariado. (Não nos esqueçamos que, segundo Marx, as idéias dominantes em uma sociedade são as idéias da classe dominante daquela sociedade.) É importante, decisivo mesmo, insistir no que foi dito acima: o proletariado como um todo só pode tornar-se revolucionário em uma conjuntura revolucionária. Querer alterar esta lei, como mais freqüentemente o faz o voluntarismo trotsquista, vai resultar sempre em aparelhamento no campo das relações partido/sindicato. Em resumo, aparelhar um sindicato ou entidade estudantil significa querer transformá-los em partido – um partido de esquerda voluntarista ou um partido de direita conservador, aqui não faz diferença de qualidade.

8. É em função de todas as considerações acima que se coloca a necessidade de mantermos em nossa atuação sindical/estudantil o princípio da independência/complementaridade entre partido e sindicato. Em primeiro lugar, é preciso desenvolver linhas de ação que reforcem hoje a organização sindical, significando isso que devemos organizar a ação política de nossos simpatizantes diretamente nas entidades sindicais ou estudantis, seja como dirigentes, seja como oposição, seja como organização de chapas. A vinculação política destes simpatizantes conosco se dará através de nossa propaganda – garantida, assim, a dupla relação destes militantes com a vanguarda e com o movimento. Mais que isso, estará garantida a linha estratégica que determina a necessidade de se organizar o movimento e a sua vanguarda de modo simultâneo e interdependente. De outro lado, a idéia da criação de "correntes", "campos" ou "tendências" sindicais ou estudantis é na realidade uma herança daquela tríplice hegemonia a que nos referimos no início deste texto, herança cuja lógica jamais deixa claro os lugares dos comunistas e dos sindicatos.